

28/09/Abril/1982

RECONSTRUÇÃO

Pelo ensino público e gratuito

Apoio as resoluções da CONCLAT

Democratização da Universidade

Não pomos dúvida na importância da presença das entidades gerais (UNE, UEEs, DCEs) no cotidiano de nós estudantes, o papel dessas entidades na organização de nossas lutas. Mas por outro lado começamos a nos questionar quando vemos que a grande maioria dos estudantes não participam dessas entidades, nem de suas lutas. A que se deve, por exemplo, a pouca participação estudantil na UNE? Por que não temos reconstruída a União Estadual de Estudantes do Rio Grande do Norte?

A reconstrução da UNE (Maio - 79) num congresso com 10 mil estudantes — numa época ainda de intensa repressão política —, foi sem dúvida um enorme avanço, um passo importante para a unificação de nossas lutas. A diretoria provisória ali escolhida e a primeira eleita em novembro - 79, coube a tarefa de reestruturar nossa entidade máxima. Claro que isso vai se dar articulado com a reativação do trabalho cultural

(C. P. Cs. dos anos 60, regularização de um jornal, presença nos JUBs, etc.) e com o intercâmbio dos centros mais adiantados com os demais. No entanto poucos espaços foram criados para que os estudantes pudessem de fato fazer o seu movimento. Evidentemente que as falhas dessa reconstrução não são oriundas apenas dos erros de direção mas também da situação histórica em que vivemos.

A prática comum do movimento estudantil tem sido a do distanciamento das lideranças e direções das entidades com arrogantes discursos por sobre a cabeça dos estudantes, lançando palavras

de ordens e propondo formas de lutas sem levar em conta o nível de compreensão e engajamento da maioria. O que leva muitas vezes a fraqueza e ao desgaste dessas lutas. Temos ainda que, em meio a tudo isso, se deixa de levar em conta todo um conjunto de anseios e preocupações que constituem dimensões importantes das nossas vidas. Poucas entidades — ou quase nenhuma —, se preocupam em abordar questões sobre nossa formação profissional e os aspectos da realidade social da juventude brasileira: o debate hoje sobre o uso das drogas, sexualidade, os aspectos culturais; muito menos ainda essas entida-

des se preocupam em encampar as bandeiras dos movimentos sociais que questionam a moral e os valores estabelecidos (negros, mulheres, homossexuais).

Dessa forma as lideranças e as entidades não têm conseguido fazer do movimento estudantil um vigoroso movimento de massas que tenha o destaque necessário no conjunto dos movimentos sociais que existem hoje no país.

Sem que não se inicie uma nova «época» de participação nas entidades — dos C. A.s a UNE —, e sem que se mude as concepções e métodos para atuação no movimento, não conseguiremos que «nossa força e nossa voz» barrem

a política do MEC, e garanta a defesa do Ensino Público e Gratuito para todos.

Nós que propomos RECONSTRUÇÃO não temos a pretensão de corrigir todos os desvios do movimento estudantil. No entanto nossa posição é de crítica a estrutura burocrática de como tem funcionado a maioria das entidades, a prática cupulista e autoritária dos que atuam no movimento e a secundarização ou desprezo dos outros aspectos da nossa realidade social. Daí que achamos importante iniciarmos o debate sobre a reconstrução de nossa Entidade Estadual, assim como a criação de todos os Centros



Vamos construir nosso Congresso

Por um M. E. democrático

Mais verbas para educação

Acadêmicos fundados nas necessidades de cada curso, pois a estrutura de entidades por centro (D. As.) — implantada com a reforma universitária do regime —, se mostra inviável. E ainda, para que tenhamos um movimento verdadeiramente democrático, achamos ser necessário a formação de Conselhos de Turmas e a efetivação de Congressos dos Estudantes da UFRN.

Propomos ainda através das diversas diretorias (esportes, imprensa, cultura, social, etc.) a realização de debates, seminários, que discutam os anseios e preocupações de que falamos, para que aos poucos acabemos com a oposição que algumas «cabeças iluminadas» tentam fazer entre a luta política e as questões do modo de vida das pessoas.

Achamos que só assim estaremos contribuindo com a construção de uma sociedade nova, livre e democrática onde não existam oprimidos nem opressores, explorados nem exploradores.

Sobre o Movimento Estudantil